

A quem interessa o desinteresse político?

Homero de Oliveira Costa

Jornal de Hoje, 30.10.2008

As eleições municipais de 2008 em Natal revelaram um dado importante: cerca de ¼ (pouco mais de 25%) dos quase 500 mil eleitores, ou seja, cerca de 120 mil pessoas aptas a votar, ou se abstiveram, ou anularam o voto ou votaram em branco.

Em relação à abstenção (pouco mais de 80 mil pessoas) certamente as razões são várias: vão desde a impossibilidade de comparecer às urnas por motivo de doença, viagem, mudança do município etc, mas é possível interpretar que a ausência se deu, também, pela indiferença em participar do processo eleitoral.

Quanto aos votos nulos e em brancos, excetuando-se os eventuais erros de digitação na urna eletrônica, é uma clara expressão de insatisfação e discordância em relação às opções partidárias e/ou aos candidatos.

Mas, em ambos os casos, ou seja, tanto em relação à abstenção, quanto aos votos em brancos e nulos, é possível afirmar também que uma parcela considerável (de difícil quantificação) expressa indiferença em participar das eleições.

É sobre isso que gostaríamos de nos referir. O que explica à indiferença e, principalmente, a quem interesse esse desinteresse? Uma referência útil é o livro “**O que é participação política**” de Dalmo Dallari (Brasiliense, 1982). Nele, há um capítulo específico sobre isso: “Desinteresse político: a quem interessa?”

O que nos diz o autor? Afirma que atitudes como estas, revelam falta de consciência “quando alguém afirma que não se interessa por política acreditando que pode cuidar exclusivamente de seus interesses particulares e

que estes nada têm a ver com as atividades políticas, está revelando falta de consciência”.

De fato. Considerando que todos na sociedade sofrem as conseqüências de decisões políticas “manter-se alheio à política é uma forma de dar apoio antecipado e incondicional a todas as decisões do governo, que é, em última análise, uma posição política”.

O autor cita uma pesquisa realizada na França a respeito da despolitização e na qual o sociólogo Marcel Merle faz uma distinção entre duas espécies de antipoliticismo: a tática e a doutrinária.

No primeiro caso, a tática, tem por objetivo afastar o povo das decisões políticas: o objetivo é incutir nas pessoas que não dediquem tempo nem se interessem por política uma vez que ele “não influi de maneira alguma nas decisões e que sua participação é apenas uma formalidade sem importância”.

No segundo caso, a doutrinária, há desde os que pregam que as decisões devem ser tomadas por uma elite política mais esclarecida “típica dos grupos autoritários, que não acreditam nos processos democráticos”; a dos anarquistas, que não acreditam em qualquer forma de representação e os tecnocratas, àqueles que “consideram que o governo da sociedade é uma tarefa para técnicos e especialistas”.

O que une estas posições tem em comum é o fato de desejarem afastar o povo das decisões políticas. Participar é fundamental, inclusive no combate à corrupção. Como afirma José Antonio Martins “o melhor remédio para a corrupção, prescrito desde a Antiguidade, é a participação política, o envolvimento com a *res pública*, com as coisas públicas, com aquilo que diz respeito a todos nós”(“Corrupção”, Globo, 2008, p.116).

Quais as principais razões responsáveis pelo desinteresse em participar? Creio que um dos mais importantes é a falta de credibilidade do sistema político e seus participantes; a desmoralização dos costumes políticos; a impunidade, a

fragilidade e desimportância dos partidos e a crença na impossibilidade de mudança desse sistema.

A quem interessa a não participação? Interessa a quem não quer mudar o que existe, porque se beneficia com isso. Como diz Adalberto Paranhos “se encarmos a política (...) “coisa que interessa a eles, os ricos” e nos afastarmos de qualquer tentativa de exercer nossa influência política para alterar os rumos da situação, em princípio as classes dominantes terão até motivo de nos agradecer”. (Política e cotidiano: as mil e uma faces do poder” In: Introdução as Ciências Sociais, Campinas, Papirus, 1987)

A omissão em participar, de se omitir é o pior caminho e também não deixa de ser uma atitude política, que só beneficia àqueles que tiram proveito da manutenção do status quo.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html



www.dhnet.org.br